

**EFEITOS DE SENTIDOS NAS IMAGENS DE MULHER E DE HOMEM NO
DISCURSO DICIONARÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL.**

Valéria SCHWUCHOW¹

Resumo: O presente artigo procura evidenciar os efeitos de sentidos constituídos nas imagens de mulher e de homem, no discurso dicionarístico do Rio Grande do Sul. Para isso, analisamos os verbetes Prenda, China, Gaúcho, e Guasca, na intenção de apreender as movimentações, alterações, deslizamentos, instaurações, ou não de sentidos. Nosso objeto de pesquisa é o “Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul”, de Zeno Cardoso Nunes e Rui Cardoso Nunes, publicado em 1996 na sua 8ª edição. O uso desse dicionário se justifica por registrar uma língua específica de uma região e apresentar um determinado período sócio-histórico. Nossa perspectiva teórica é da Análise de Discurso Francesa, elaborada por M.Pechêux, e amplamente desenvolvida no Brasil por Eni Orlandi, e outros pesquisadores. Abordamos alguns aspectos da teoria da História das Ideias Linguísticas, no que concerne aos estudos de José Horta Nunes a respeito dos dicionários brasileiros. Podemos inferir nessa pesquisa que o presente dicionário evoca imagens de mulher, e de homem, que, ora se aproximam, e, ora se distanciam mobilizando sentidos pejorativos e enaltecidos na instauração das imagens, que repercutem, em parte, na atualidade.

Palavras-Chave: Análise de Discurso. História das Ideias Linguísticas. Dicionário.

Primeiras palavras

A presente pesquisa deriva do projeto intitulado “A constituição do sujeito na e pela língua: investigações acerca do processo de gramatização, manutenção e atualização do saber nos e sobre os instrumentos linguísticos” tem o objetivo de investigar a constituição de imagens de gaúcho no espaço dicionarístico. Para esse trabalho realizamos um recorte que procura confrontar as imagens dispostas no dicionário regional do Rio Grande do Sul, para o homem e para a mulher. A partir, da análise dos verbetes Prenda, China, Gaúcho, e Guasca,

¹ Graduanda do curso de licenciatura em Letras e Literaturas da Língua Portuguesa, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bolsista PIBIC/CNPq, sob orientação da professora Dr. Verli Petri. E-mail: valeriadecassias@hotmail.com

observaremos, pelo gesto interpretativo, a movimentação/alteração, ou não, dos sentidos. Desse modo, no estudo dos verbetes trataremos da relação dos efeitos das práticas sócio-históricas, a fim de verificar a reprodução ou alteração das relações de sentido em um determinado tempo e espaço, no qual o gaúcho representa imagens de homens e mulheres que nasceram ou vivem no Rio Grande do Sul.

Para o suporte teórico adotamos a Análise do Discurso Francesa, que permite ao analista observar os sentidos da língua, não a concebendo como um sistema isolado, mas a relacionando com a exterioridade, com os sentidos remetendo para outros sentidos. Desse modo, a Análise do Discurso considera o sujeito e os sentidos afetados pela língua, pela história e pela sociedade.

Utilizaremos o instrumento linguístico “Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul”, de Zeno Cardoso Nunes e Rui Cardoso Nunes, publicado em 1996 na sua 8ª edição; por registrar uma língua específica, com um período sócio-histórico definido, como veremos adiante.

Desse modo, na primeira parte apresentaremos o que entendemos por dicionário, e alguns aspectos do *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*. Em seguida, explicitaremos as noções de verbete, descrição e nomeação, tomadas para estabelecer a análise. Os apontamentos resultantes das análises dos verbetes Prenda, China, Gaúcho e Guasca configurará a próxima etapa do trabalho, para finalmente expormos o gesto de interpretação que construímos.

Dicionário e Dicionário Regional

Pela perspectiva da Análise do Discurso tomamos os dicionários como objetos discursivos (Nunes, 2006, p. 11), para discutir os sentidos e os processos históricos; consideramos o dicionário, um instrumento capaz de revelar uma determinada sociedade, em certo período histórico, pelo modo como se inscreve o dizer. Tomados como incontestáveis

possuidores de um acumulado de saber e sentidos, o dicionário contém também uma historicidade, “ele se reproduz, se transforma, se renova, e se atualiza” (Nunes, 2006, p. 11).

Nesse sentido, o dicionário, é visto pela perspectiva da Análise de Discurso, como um objeto que não se restringe ao papel de um instrumento de normatização, mas de observação do léxico (Nunes, 2006), em que os sentidos são formulados na interação dos locutores. Tal instrumento linguístico é capaz, ainda, de revelar certos costumes e situações de uma sociedade específica em determinado período histórico.

Nos dicionários podemos observar, pelo viés da Análise do Discurso, conforme postula Nunes, o funcionamento do vínculo entre a língua, a história e os sujeitos. Para verificar o funcionamento da língua nesse instrumento linguístico devemos recorrer, de acordo com Nunes “à exterioridade, às condições de produção do discurso, que são fundamentalmente o contexto situacional, histórico e ideológico, compreendidos os sujeitos aí inseridos”. (2006, p. 18).

Após a exposição a respeito dos dicionários passamos para o objeto de nossa investigação, o dicionário regional, no qual investigaremos os indícios de sentidos relacionados á mulher e ao homem. O “Dicionário Regionalismos do Rio Grande do Sul”, de Rui Cardoso Nunes e Zeno Cardoso Nunes foi elaborado a partir de pesquisas sobre os aspectos linguísticos e culturais do Estado do Rio Grande do Sul levantadas, segundo os autores, “há mais de meio século”. Analisamos a 8ª edição, publicada em 1996.

O dicionário de regionalismos se configura como “um conjunto de modos de dizer de uma sociedade” (Nunes, 2001, p. 101) traz um repertório do popular, daquele sujeito que reside afastado dos centros urbanos, num local onde os sentidos estão cristalizados pelos seus usuários, em que podemos verificar, também, a reprodução das práticas sociais encenadas nos contextos históricos específicos.

Para detalhar as condições de produção desse dicionário temos que o discurso reproduzido reporta ao “espaço campesino e rural do Rio Grande do Sul na época da colonização e da monarquia portuguesa no Brasil” (Petri, 2004, p. 261). Alicerçado na Língua

Portuguesa do Brasil e trazendo referências de outros dicionários, glossários e vocabulários da mesma língua, o dicionário, ainda, apresenta exemplos na forma de trechos de obras literárias em prosa e verso, de músicas tradicionalistas, todos arrolados em língua portuguesa e espanhola.

Cabe ressaltar a particularidade do dicionário quando apresenta os exemplos descritos na nota dos autores, como advindos de “consagrados mestres e vozes regionais”, assim, encontramos exemplos na forma de excertos literários em prosa e verso, trechos de canções musicais, e fragmentos de pesquisas. Funcionando como contextos, que registram a língua em uso, os exemplos, segundo Nunes (2006b) marcam a historicidade com seus movimentos e transformações.

Desse modo, o uso dos exemplos, além de fundamentar a definição do verbete, consolida uma memória, que nesse caso, apresenta uma particularidade, quando conduz à preservação e atualização de uma memória heroica e mitológica (Petri, 2008).

Dos conceitos a serem analisados

Na análise dos verbetes relacionaremos língua e história para depreender a relação sócio-histórica, conforme Nunes (2006, p. 16) o estudo do verbete irá problematizar “a transparência dos sentidos” e demonstrar a maneira como esse verbete alude a uma sociedade e a uma história.

Assim, mobilizaremos, para as análises, o funcionamento dos enunciados definidores, e neles as descrições e designações presentes, na constituição e formulação dos verbetes. A observação desses conceitos, também se fará nos exemplos apresentados no dicionário, para compor a definição, assim investigaremos como se constitui/institui os sentidos perante uma determinada sociedade, e nesse instrumento linguístico.

A respeito dos enunciados definidores temos, os estudos de Nunes quando declara que na definição é construída uma “cena enunciativa em que os sujeitos são posicionados em

determinadas coordenadas espaço-temporais”. (2006, p. 39), assim, na observação do enunciado definidor encontraremos o EU-TU-AQUI-AGORA, que Nunes (2006) apresenta como a formação discursiva. Nesse sentido, a visualização dessa cena enunciativa, com os elementos apontados de tempo e espaço, fornece-nos uma descrição e referentes.

Tomamos, para o conceito de descrição o que postula Orlandi quando afirma que “se caracteriza pelo fato de enumerar objetos ou descrever as suas características, como forma de agrupá-los sob a rubrica a que os refere” (1989, p. 120). Entendemos, assim, que a descrição apresenta as propriedades e características. Desse modo, a descrição está presente na constituição dos processos discursivos quando retrata algo, assim, na observação das maneiras de descrever identificaremos os deslocamentos, ou não, dos sentidos.

Para o conceito de designação seguimos Petri, que declara ser a designação uma marca em que o nome rememora algo, dessa forma, “um nome refere e designa, mas não comporta a multiplicidade de sentidos que um objeto pode produzir, ainda assim, o nome se relaciona com o objeto pela mediação que o sentido exerce” (2004, p. 220). Isto posto, temos que a variedade de nomes para designar uma referência, confere a um objeto/ser o uso de múltiplos e diversos nomes para o conceituar fazendo com que os sentidos permaneçam ou se alterem.

Temos, também, a designação tomada como nomeação, conforme Guimarães (2003, p. 21) nomear é “distinguir”. Distinguir um ser/objeto dos demais é torná-lo um sujeito/objeto único, individualizado, mas que está em relação com os outros que o designam.

Esclarecidos os conceitos a serem seguidos, com a finalidade de verificar os sentidos e as imagens de mulher e de homem, expostos nos verbetes, Prenda, China, Gaúcho e Guasca, passamos para as análises, que se realizarão, também, nos exemplos, para aprofundar as identificações dos processos de descrição e/ou designação.

Das análises

A respeito da escolha dos verbetes ressaltamos que foram movidas pelo questionamento dos sentidos postos, na relação com a sociedade e a história; outro fator é o funcionamento, desses vocábulos, como gntílicos do homem e da mulher habitantes do Rio

Grande do Sul, pelos verbetes Prenda e Gaúcho, e do sentido oposto quando recorremos à memória coletiva regional, e retomamos o sentido pejorativo dos vocábulos China e Guasca.

Para a análise iniciaremos com os verbetes China e Prenda, para após desenvolver os vocábulos relacionados ao homem, Gaúcho e Guasca.

Recortamos o sentido posto, no dicionário, para o verbete China,

China, s. Descendente ou mulher de Índio, ou pessoa do sexo feminino que apresenta algumas das características étnicas das mulheres indígenas/ Cabocla, mulher morena/ Mulher de vida fácil.

É possível observarmos o funcionamento da descrição quando vemos apresentadas as características da China, são mulheres com feições próximas das indígenas, mulatas e caboclas. O detalhamento da descrição com os aspectos físicos dessa mulher presentificada na imagem física da China, ela não é uma mulher ‘comum’, uma vez que é individualizada.

O processo de descrição ultrapassa a descrição das características dessa mulher, quando acrescenta o sentido pejorativo, que possuía o vocábulo, na época em que o dicionário foi elaborado; sendo atribuída, também, para essa mulher, uma ocupação, ela exerce a atividade descrita por “mulher de vida fácil”, assinalando uma mulher que corrompe os preceitos morais da sociedade, no exercício de sua profissão.

Na observação da materialidade linguístico-discursiva dos exemplos literários, compostos de três, selecionados dois, por se configurar a terceira na língua espanhola. Observamos a permanência do sentido depreciativo, quando a mulher é descrita como aquela que serve a muitos homens; não encontramos, no exemplo, a descrição física, como visualizamos na definição. Abaixo temos o recorte transcrito,

Muitas chinas percorriam
Pelas margens dos banhados
Levando cada uma delas
De dez a doze soldados
(ABC da Batalha do Passo do Rosário)

Nesse excerto da literatura identificamos o período histórico, das guerras e confrontos, para a demarcação do território, em que a mulher se faz presente no campo de batalha, não guerreando, mas ao lado do soldado. Não fica evidente o sentido pejorativo, embora tenhamos recuperada nessa passagem a idéia da expressão ‘mulher de soldado’, uma vez que essa mulher conduz os soldados, remetendo a ‘mulher de vida fácil’, apresentada na definição.

No segundo exemplo encontramos a descrição, por meio da comparação, quando distingue a China dos seres superiores, que possuem uma morada. Essa mulher serve àqueles que andam ao léu, contribuindo para uma imagem depreciativa da China.

Os anjos moram no céu,
Mora o perfume na flor,
Dos guascas que andam ao léu
A china é tolda de amor
(Hugo Ramirez, in Cancioneiro de Trovas)

Podemos inferir que nesse trecho temos uma referência às qualidades da mulher ‘ideal’, quando nos dois primeiros versos encontramos os referentes “anjos” e “flor”; nesse sentido os “anjos que moram no céu, e “o perfume na flor”, representam a mulher casta e pura, que está em casa protegida e guardada. O oposto vem descrito nos outros versos, e diz respeito a China, em que ela representa uma casa, a “tolda”, que recebe os andarilhos, oferecendo-lhes o amor.

Os referentes mobilizados resultam numa desconstrução da imagem da China, eles apresentam o que ela não é. Essa imagem de mulher aparece como um conceito, uma definição, quando temos o verbo de ligação ‘é’ acrescentando um significado, ou uma descrição da China.

Seguindo a divisão proposta temos o verbete Prenda, que sozinho indica outra direção de sentido à mulher gaúcha, enquanto registro no dicionário. Quando analisamos o verbete encontramos,

“Jóia, relíquia, presente de valor / Em sentido figurado, moça gaúcha”.

Observamos as designações que remetem referentes materiais á Prenda, criando uma relação da mulher com os objetos de valor; conferindo, desse modo, uma ideia de um Ser virtuoso, ou valoroso. Quando na definição temos o sentido figurado é mobilizada a existência dos dois significados da palavra, que se fundem na construção da imagem dessa mulher.

Vemos que os exemplos literários para Prenda apontam para uma concepção cristã, na comparação com Maria, o oposto do identificado no vocábulo China,

Também tenho uma Maria,
Que é minha Estrela Boieira,
Minha *prenda*- companheira,
Do meu vergel a rainha:
É estrela, é flor e é santa
E, além do mais, é só minha.

(Guilherme Schultz Filho, Galponeiras, P.A., Martins Livreiro-Editor, 1981, p. 14).

É possível identificar que a imagem da mulher vem referida como uma Estrela, uma fonte de luz, e nesse caso uma estrela específica, e por isso em maiúscula, a Estrela que serve de guia no céu, e aparece na madrugada, encerrando a noite e anunciando o dia, é nesse período que os homens saem para ‘camperear’, ou realizar suas lides, seja no campo, ou com os animais; essa Estrela tem a singularidade de produzir um brilho muito intenso, pois, é o planeta Vênus, e está muito próximo da terra. Conhecida, também por Estrela D’alva, em que recuperamos o sentido da pureza, quando refere, o adjetivo, a “alva”; Nesse sentido, essa Estrela que desponta no céu anunciando o dia, recupera o sentido da luz, em oposição a noite, o escuro. Na relação da comparação da mulher com a Estrela recuperamos uma imagem iluminada, que representa o Amor, e que é pura.

Tal imagem de mulher é representada, também, como a companheira, que reina dentre as demais, na comparação com a Rainha; o sentido de posse fica claro em “é só minha” acrescentando uma ideia de que a mulher pertence a um só homem, diferente da China.

A relação com uma imagem Santa, ainda, é reiterada em outro exemplo, a ideia cristã, em torno da formação da imagem da Prenda, nesse trecho se faz por meio da apresentação das suas virtudes, e graças, que fazem do seu lar um local de respeito; nesse sentido, a prenda é mantenedora do lar, que remete a um verdadeiro santuário.

A mais prendada prenda...a que desponta
Dentre as demais, como gaúcha exemplo
Das virtudes e graças femininas,
Para mostrar a moças e meninas
Que esta Querência faz do lar um templo.
(José Hilário Ayala Retamozo, Rodeio de Vacaria)

O fragmento literário comprova a formação de uma imagem cristã, e moral em torno da Prenda, representante das virtudes e mantenedora do lar, uma mulher digna de circular na sociedade, diferente da China que não frequenta os espaços, em que a moral é um preceito. Podemos recuperar o papel dessa mulher, servir de exemplo para as jovens, e sua dedicação ao lar exercendo a atividade de manter e resguardar esse ‘templo’.

O enunciado definidor nos coloca diante de uma imagem sagrada de mulher, que cria nesse espaço um local consagrado. Envolto num gesto de interpretação alicerçado na religiosidade, indagamos, ainda, a presença de um caráter ideológico. No momento em que o Ser que confere ao lar a aproximação com o sagrado é a mulher.

É relevante destacar a relação entre o sagrado e o profano, em que o sagrado cria, ou mantém os rituais, e o profano dessacraliza, priva o homem do sentimento de religiosidade.

Para a investigação no vocábulo Gaúcho, que é desenvolvido no dicionário em dezesseis páginas, nas quais, destacam-se referências literárias, de pesquisadores, e de músicas tradicionalistas. Destacamos alguns recortes indicadores dos principais sentidos movimentados.

Iniciamos com a classificação trazida pelo dicionário para a palavra, como substantivo e como adjetivo. A seguir, constam as designações mobilizadoras dos sentidos, como, por exemplo, a de pertencer a uma região,

habitante do Rio Grande do Sul”; “habitante do interior do Rio Grande do Sul, dedicado à vida pastoril e perfeito conhecedor das lidas campeiras”; “habitante da Argentina e do Uruguai, da região da campanha, com origem e costumes assemelhados aos dos rio-grandenses.

A designação acresce ao Gaúcho a sua naturalidade, acrescentando-lhe a característica de campeiro ocupado com as atividades rurais; e, o singulariza aos fronteiriços, argentinos e uruguayos, porém, desde que possuam os mesmos costumes e origens dos rio-grandenses.

Encontramos, ainda, no dicionário para o verbete, uma lista de adjetivos que designam o Gaúcho, com sentidos pejorativos. Dentre as mencionadas destacamos:

vagabundo, desregrado, coureador, maltrapilho, índio ou mestiço, andejo, desregrado.

Ressaltamos que a nomeação inicia com a palavra “primitivamente”, nos remetendo a um estado inicial, antecessor de outros sentidos; desse modo, instala-se a ideia, da possibilidade, de num tempo passado ter essa concepção sido a vigente, para a definição do vocábulo Gaúcho.

Na continuação da apresentação da definição encontramos, em separado, a colocação de o termo Gaúcho derivar de tribos guerreiras, de homens valentes, nômades, leais, hospitaleiros, atribuindo ao vocábulo outros sentidos, diferentes das designações pejorativas, já mencionadas.

Dentre as diversas colocações de pesquisadores e de autores literários registradas, no dicionário, no intuito de ressaltar os sentidos que circulavam na sociedade, na época, destacamos a de Propício da Silveira Machado,

Perdendo já a acepção pejorativa em que era tido o termo até meados do século XIX em ambas as bandas do prata, para assumir a de homem digno,

batalhador e independente, a par de destemido, bravo e patriota, generalizou-se o curioso nome para designar gentilmente os filhos do Rio Grande do Sul, bem como os naturais do interior do Uruguai e de parte da Argentina.

Este fragmento nos possibilita visualizar o processo contrastante dos sentidos postos para o vocábulo “Gaúcho”; que, promove diferentes imagens de homem, dentro do mesmo verbete. O homem Gaúcho é caracterizado inicialmente, na história, com sentido depreciativo, identificado por meio das designações, como vimos anteriormente, e quando são nomeados outros referentes na forma de adjetivos, também, mencionados; em seguida, dá-se a alteração do sentido, o Gaúcho ‘moderno’, do século XIX, passa a ser descrito como digno, bravo, patriota, configurando-se como o Bom Gaúcho.

Desse modo, é notável a movimentação dos sentidos, no decorrer dos tempos; tal alteração é explicitada por Petri (2012) quando diz que a designação modifica no momento em que o Gaúcho ocupa o espaço urbano, que antes ignorava sua representatividade de grupo social.

O enunciado definidor do Gaúcho mostra a contradição que envolve sua imagem, num momento é concebido como depreciativo e em outro como representante das virtudes de um povo, sendo dado como gentilício. Podemos observar esse paradoxo, nas imagens do Gaúcho, inclusive, no processo de inscrição no dicionário.

Esse mesmo processo de alteração do sentido é identificado, também, para o vocábulo Guasca, tal movimentação se dá na direção do negativo para o positivo. Essa mudança de sentidos é mencionada de forma explícita, como observamos, no trecho transcrito do dicionário, para a acepção da palavra,

Esta designação, a princípio, teve significado pejorativo, sendo hoje perfeitamente aceita pelos rio-grandenses que dela se orgulham.

No estudo da definição, a primeira apresentada no dicionário, para Guasca encontramos uma relação, em que temos de um lado o material produzido pelos habitantes do

Sul, principalmente pelos moradores do interior, o couro, e de outro, a designação, de pertencimento, como morador do Estado do Rio Grande do Sul.

Guasca, s. Tira, correia, corda de couro cru, isto é, não curtido/ denominação dada aos rio-grandenses pelos filhos de outros Estados, pelo fato de neste, em vista da predominância da indústria pastoril e da carência de outros materiais, haver sido generalizado o emprego do couro para diversas finalidades.

É possível identificar a movimentação dos sentidos, do elemento material, que irá rememorar o habitante rio-grandense, processo semelhante ao encontrado no verbete *Prenda*; porém, em *Guasca*, deve-se por fatos registrados historicamente, que relatam a ‘idade do couro’, período em que o produto era amplamente utilizado, em todas as regiões do país, e o maior produtor era o Rio Grande do Sul. Esse registro é apresentado no dicionário, inclusive, com o resgate dos registros dos primeiros viajantes, que assinalaram em suas anotações a comercialização e o uso desse produto.

A alteração de sentido, também, é identificada, ainda, na definição, quando encontramos outra oscilação, entre o enaltecedor e o depreciativo. A seguir, reproduzimos o que segue na definição,

|| Homem rústico, forte, guapo, valente. || Gaúcho.|| (Pop.) O pênis.

O sentido depreciativo circula pela voz do ‘povo’, o verbete, popularmente, designa o órgão sexual masculino; essa relação não é transcrita nos trechos literários, nem históricos. No entanto, o mesmo não ocorre para os sentidos enaltecedores, consta, como menciona o dicionário, em Machado de Assis, no livro *Quincas Borba*, quando “diz D. Fernanda a Carlos Maria, referindo-se, em caloroso elogio, a uma filha do Rio Grande: - É uma guasca de primeira ordem.” (p. 239).

Desse modo, o sentido passa a funcionar como uma exaltação das qualidades, e, ainda, essa palavra, apropria-se dos sentidos instituídos para o Gaúcho, quando, na sua definição,

aponta como referência o Gaúcho, assim, os sentidos desses verbetes, Gaúcho e Guasca, se aproximam, no momento em que um retoma o outro na construção de seu significado.

O enunciado definidor de Guasca o define por um referente-objeto, para após ser descrito como uma imagem particular de homem, que, compõem-se pelo referente anterior. Esta relação marca um gesto de interpretação que reflete uma memória, a partir do objeto por ele produzido.

Considerações finais

Para encerrarmos nossas reflexões é relevante retomarmos alguns aspectos sobre o dicionário, enquanto “objeto discursivo” (Nunes, 2001). Os instrumentos linguísticos, especificamente, a gramática e o dicionário, como prevê S.Auroux (1992), trazem marcas da sociedade e da história, que modificam esses instrumentos, conferindo-lhes vida, num procedimento em que os sujeitos se formam a partir das suas relações e participam da elaboração da história, e da sociedade. Sem esse olhar, da análise do discurso e da História das Ideias Linguísticas, os dicionários servem apenas para a consulta dos sentidos das palavras. (Nunes, 2010)

Desse modo, os dicionários registram mais do que o sentido das palavras, encontramos neles um discurso que revela os traços da relação história/sociedade. Os produtores dos dicionários quando definem um verbebo estão cercados de determinadas condições de produção.

Nesse sentido, as palavras são escolhidas pelos produtores, essa escolha irá revelar os efeitos de sentido inscritos em certo período histórico e determinada sociedade. No dicionário regional temos bem marcados o período e a sociedade em questão, em parte pelos exemplos apresentados, e por registrar os fatos históricos que envolvem a acepção das palavras. Considerando o discurso colonial, o “Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul” aborda a natureza e o homem, apresentando nas suas definições e exemplos, que conferem

uma particularidade, aproximando-o as enciclopédias, quando “O caráter enciclopédico é marcado pelo fato de se falar ao mesmo tempo da língua e do mundo, das palavras e das coisas”. (Nunes, 2008, p. 113). Ainda, o dicionário regional aborda uma língua específica própria do falar gaúcho, que está dentro de uma língua maior, o português.

Sendo assim, seguimos esses conceitos para concebermos a pesquisa dos verbetes Prenda, China, Gaúcho e Guasca, a fim de identificar os possíveis efeitos de sentidos, empregados pelos produtores do dicionário, que revelam a construção de imagens de mulher e de homem. Desse modo, pela observação das descrições, e das designações, buscamos as aproximações, alterações, distanciamentos ou permanências dos sentidos.

Desse modo, temos como imagem que permanece com os mesmos sentidos, sem a identificação de alterações, no dicionário, a China, essa mantém o efeito depreciativo. Não ocorreu, na época da construção do instrumento, fatos que levassem a modificação da acepção, a mulher representada pela China conserva o mesmo imaginário em todo decorrer do período registrado no dicionário.

Em suma, entendemos na observação do verbete Prenda haver uma aproximação com o material, um objeto, não especificado, porém com valor econômico e/ou afetivo, e a partir dessa relação temos estabelecida a imagem mulher tomada como exemplar; também, é possível visualizar a apropriação do verbete, que já significava antes, para, após, passar a designar a mulher; tal imagem modelar é construída a partir de outro sentido, que revela as qualidades do bem material. É interessante notar que a Prenda, no dicionário em questão, serve para designar a mulher nascida no Rio Grande do Sul, diferente do que usamos comumente, Gaúcha.

Processo semelhante ocorre na imagem do Guasca, quando o sentido, para designar o homem, apropria-se de um sentido que descreve um bem material, o couro. Porém, diferente do que ocorre com a Prenda, em Guasca encontramos a alteração dos sentidos, a palavra, que antes mantinha uma relação depreciativa entre o material produzido pelo homem, o couro, e o próprio homem, passa a funcionar de modo diferente, adquire um caráter enaltecendor,

conferindo definições que exaltam as qualidades físicas do homem, como por exemplo, forte, rústico, belo. Assim, enquanto na prenda temos a transferência dos sentidos, do objeto com características valorosas, que passa a significar uma imagem de mulher com qualidades enaltecidas; no Guasca a relação é contrária, o material tomado como depreciador, que designava o seu ‘produtor’, desloca passando a tomar outro referente, que remete a uma imagem de homem qualificada.

Essa mudança de sentidos é visualizada, também, na formação das imagens do Gaúcho, que altera do sentido depreciativo, quando referido por diversos adjetivos, dentre eles, vagabundo, errante, e outros, para o sentido de enaltecimento, do homem valente, bravo.

As mudanças do pejorativo para o enaltecido, que ocorrem nas palavras, Guasca e Gaúcho, estão registradas e fixadas na e pela língua, por exemplo, por meio da literatura. Ao passo, que com o verbete China a acepção se manteve, sendo preciso encontrar outra palavra para designar a moça Gaúcha representante da moral.

As imagens do homem recebem outros sentidos, sem, contudo, ocorrer um apagamento, os sentidos movem-se e deslocam-se conforme o uso. Diferente do que ocorre nos sentidos para as imagens de mulher, nas imagens do homem encontramos os sentidos do mau e do bom. Para as imagens da mulher encontramos uma forma negativa, que não deve ser tomada como exemplo, e outra que, apropria-se de um sentido já instituído, rememorando o apreço, uma imagem modelar de mulher.

Effects of senses at the images of the woman and man on discourse on the dictionary of regionalisms of the Rio Grande do Sul.

***Abstract:** The present article search evidence this effects of senses present in constitution of images of woman and man, on discourse of dictionary of Rio Grande do Sul. For this, analyze the entry Prenda, China, Gaúcho and Guasca, in intention of the apprehend the drives, changes, landslides, instaurations, or no of senses. Ours object of search this the “Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul”, of Zeno Cardoso Nunes and Rui Cardoso Nunes, publishead in 1996, on 8ª edition. The use this dictionary if justified by*

register a idion specific, and presents a specific period social and history. This perspective of Análise de Discurso francesa, of M. Pechêux, and developed, in Brasil, by Eni Orlandi, and outrs. And concept of História das Ideias Linguísticas, in Brasil, on studies of José Horta Nunes. Include in this search, that the present dictionary evoke images of woman, and man, that approach, or distanced, mobilizing senses pejorative and uplifting, in images.

Keywords: *Análise de Discurso. História das ideias linguísticas. dictionary*

Referências bibliográficas:

- AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992.
- GUIMARÃES, Eduardo. A marca do nome. In: Revista **Rua**. Campinas, SP, 2003.
- NUNES, José Horta. O espaço urbano: a “rua” e o sentido público. In: Orlandi, Eni (org.). **Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano**. Campinas: Pontes, 2001.
- _____. **Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX**. Campinas, SP: Pontes Editores – São Paulo, SP: Fapesp – São José do Rio Preto, SP: Faperp, 2006a.
- _____. **Dicionários: história, leitura e produção**. Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília. V. 3 Número 1/2 – Ano III – dez/2010.
- _____. **Sobre a noção de "dicionário popular"**. Estudos Linguísticos XXXV, p. 1028-1032, 2006b.
- _____. **Uma articulação da análise do discurso com a história das ideias linguísticas**. Letras, Santa Maria, v. 18, n. 2, p. 107–124, jul./dez. 2008
- ORLANDI, Eni; GUIMARÃES, Eduardo; TARALLO, Fernando. **Vozes e contrastes: discurso na cidade e no campo**. São Paulo: Cortez, 1989.
- PETRI, Verli. **A produção de efeitos de sentidos nas relações entre língua e sujeito: um estudo discursivo da dicionarização do “gaúcho”**. Revista Letras, Santa Maria, v. 18, n. 2, p. 227–243, jul./dez. 2008.
- _____. **Gramatização das línguas e instrumentos linguísticos: a especificidade do dicionário regionalista**. Línguas e instrumentos linguísticos 29 / Campinas: CNPq - Universidade Estadual de Campinas; Editora RG, 2012.
- _____. **Imagário sobre o gaúcho no discurso literário: da representação do mito em Contos Gauchescos, de João Simões Lopes Neto, a desmitificação em Porteira Fechada, de Cyro Martins**. Tese de Doutorado. Porto Alegre, RS: UFRGS. 2004.